
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

MASCULINIDADES EM *INTERNATO*, DE PAULO HECKER FILHO

Fábio Figueiredo Camargo¹ (UFU)

RESUMO: Publicada em 1951, *Internato*, novela de Paulo Hecker Filho, narra as desventuras de um adolescente para se conhecer ou se reconhecer como homossexual em um colégio interno, o que não é uma história comum à tradição literária brasileira, pouco afeita à representação de personagens homossexuais na adolescência. Este artigo, além de apresentar o autor, apresenta uma amostra da recepção crítica do texto, e analisa a narrativa de Paulo Hecker Filho a partir das relações estabelecidas pelo protagonista com outros colegas, principalmente no que tange à representação das masculinidades presentes no universo do colégio interno onde os personagens se situam.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidades; literatura brasileira; homoerotismo.

MASCULINITIES IN PAULO HECKER FILHO'S *INTERNATO*

ABSTRACT: Published in 1951, *Internato*, a novel by Paulo Hecker Filho, narrates the misfortunes of a teenager to see or recognize himself as a homosexual in a boarding school. This is not a story common to the Brazilian literary tradition, which rarely shows this representation of homosexual teenagers. This article, in addition to introducing the author, offers a sample of the critical reception of the text and analyzes Paulo Hecker Filho's narrative based on the relationships established by the protagonist with other schoolmates, especially with regard to the representation of masculinities present in the universe of the boarding school where the characters are located.

KEYWORDS: masculinities; Brazilian literature; homoeroticism.

Recebido em 27 de abril de 2021. Aprovado em 25 de junho de 2021.

Publicada em 1951, *Internato*, novela de Paulo Hecker Filho, narra as desventuras de um adolescente para se conhecer ou se reconhecer como homossexual em um colégio interno, o que não é uma história comum à tradição literária brasileira, pouco afeita à representação de personagens homossexuais na adolescência.

¹ fabiocamargo@ufu.br - <http://lattes.cnpq.br/1607535412134196>

QUEM É PAULO HECKER FILHO

O autor é conhecido praticamente no Rio Grande do Sul, quando muito, e principalmente como tradutor de Gerard de Nerval, Guillaume Apollinaire e Arthur Rimbaud, mas de acordo com o arquivo Delfos da PUCRS, antes de se tornar escritor, Paulo Hecker Filho já “demonstrava imensa curiosidade intelectual”, tendo cursado o Colégio Militar e a Faculdade de Direito do Rio Grande do Sul. Era um devorador de livros, tanto que sua estreia em 1949, se dá com um livro de crítica, *Diário*, ganhador do Prêmio Parks do mesmo ano. Nesse livro constam as observações sobre obras de literatura, críticas não acadêmicas registradas quando o autor tinha 22 anos, demonstrando que desde muito cedo Paulo Hecker Filho se implicava em suas leituras e se produzia enquanto escritor. Conforme ele mesmo escreve em dezembro de 1949: “Temos duas almas – a do crítico e a do biografado, cada uma com o seu destino e o seu limite, mas ambas integradas no mesmo entusiasmo, no mesmo plano vital” (Hecker Filho 1949: 7). O autor foi fundador da *Revista Crucial*, assim como escreveu para as revistas *Quixote* e *Fronteira*. Colaborou com diversos jornais como *Correio do Povo*, *Zero Hora* e *Estado de São Paulo*. Em 1986, recebeu o Prêmio Cassiano Ricardo, do Clube de Poesia de São Paulo, por *Perder a Vida*, livro de poesias. Ele produziu peças de teatro, livros de poesia, romances e novelas, dentre as quais se encontra *Internato*.

A NARRATIVA

O texto de Paulo Hecker, *Internato*, pode ser considerado ousado por, em 1951, representar um amor homoerótico em uma escola para jovens adolescentes. Se o tema do internato para jovens é recorrente na literatura mundial, como pode ser visto em *O jovem Törless*, de Robert Musil, no Brasil, pode-se dizer que há certo interesse por esse tipo de narrativa, produzida em *O Ateneu*, de Raul Pompeia, publicado em 1888, assim como em *Mundos mortos*, de Octávio de Faria, de 1937. No entanto, o texto de Paulo Hecker ganha tratamento ainda mais aprofundado no que tange à questão homoerótica, pois nos textos que o precederam a questão dos amores entre adolescentes em colégios internos eram tratados de forma bastante sutil. Hecker Filho introduz em sua novela uma cena sexual explícita, o que não faz desta uma narrativa pornográfica. A opção pela descrição crua é um ponto forte na novela, e Hecker é um autor interessado no assunto, publicando mais tarde um livro de ensaios intitulado *Um tema crucial* (1989), sobre a temática da homossexualidade, chamada por ele de “Homossexualismo”. Os ensaios do livro tratam de textos literários ligados à temática, e as análises ou resenhas são sobre *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, passando a livros contemporâneos do autor, como *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, *A meta*, de Darcy Penteadado, e *Os solteirões*, de Gasparino Damata. A análise de Hecker Filho é bastante dura com os textos que analisa em razão da própria temática, o que nos informa de que se é para

ele um tema crucial, o autor não o vê com muitos bons olhos, embora, em se tratando de literatura, veja a necessidade de discutir a questão.

Em um artigo intitulado “O que é homossexualismo”, o autor levanta uma pesquisa de fontes científicas, citando estudos de Sigmund Freud, Masters e Johnson, e Sandro Rado para demonstrar sua tese, que, mesmo solidária aos homossexuais, ainda vê neles um caráter negativo. Ele vê os homossexuais como figuras que “mal se aguentam em si e por isso tantos se expõem ao ridículo” (Hecker Filho 1989: 132). Sob essa premissa, para o autor, eles são sujeitos que aceitam a imposição social, devido ao desprezo por si mesmos. Escrito em meio à luta pelos direitos civis no Brasil, o artigo carrega muito da marca da geração do autor ao olhar para o homossexual como alguém sempre angustiado e carente de atenção, o que é também retratado no personagem Jorge, de *Internato*. Jorge tem uma paixão secreta por Eli, o colega de internato, que se relaciona sexualmente com vários dos meninos que frequentam a mesma escola. Eli é forte, vigoroso, dono de uma masculinidade viril, enquanto Jorge tem uma masculinidade delicada, e vai tentar com todas as suas forças alcançar o amor de Eli, mas fracassará tremendamente.

A RECEPÇÃO CRÍTICA

Além das publicações de 1951 e 1967, houve uma nova edição de *Internato* em 1980, conforme consta no jornal *O lampião da esquina*, número 25, de junho de 1980, e uma edição em 1998 no livro intitulado *Juventude*. N’*O lampião da esquina*, à página 20, é publicado um excerto da novela, acompanhado de uma apresentação que salienta a ideia de pioneirismo da narrativa de Hecker Filho; importante notar que o jornal é um veículo produzido por gays para um público mais específico. Na literatura brasileira não era comum mesmo esse tipo de texto dentro dos veículos ditos sérios, bastando ver as críticas ao texto, conforme se pode ver adiante. Ainda hoje, *Internato* continua pouco lido e pouco estudado.

O livro de Paulo Hecker Filho, tendo sido publicado em 1951, já em 1 de abril do mesmo ano é anunciado no Suplemento Literário de *A manhã*, jornal do Rio de Janeiro, numa coluna chamada “Panorama Literário” como sendo uma publicação da editora Fronteira, denominada editora de vanguarda. No mesmo jornal, na edição 210, de 10 de junho de 1951, Sérgio Milliet, em artigo intitulado “Contistas”, analisa os trabalhos de Carlos Drummond de Andrade e de Paulo Hecker Filho. Sobre *Internato* o crítico afirma:

Conto naturalista? Existencialista? Moralista? Tudo isso e mais *uma vontade indisfarçável de chocar o leitor pela crueza de muitos pormenores*. Ditas as qualidades que se me afiguram negativas e às quais é preciso acrescentar o esquematismo da construção e a inexperiência da língua, convenhamos em que Paulo Hecker Filho tem espírito de observação, coragem, fôlego para obra de maior vulto. Não creio que o conto lhe vá a calhar. Em todo caso a juventude

do autor deve ser levada a crédito. A mesma história contada com uma técnica mais sutil (à maneira de Genet por exemplo) apresentaria resultado estético superior e talvez surgisse assim o livro como uma tentativa realmente original, em português, de transpor para a literatura os segredos de uma psicologia e de uma fisiologia que tiveram na ficção de Sartre, do já citado Genet, e de outros menos conhecidos, sua expressão mais feliz.

Perguntei se “Internato” era um conto naturalista simplesmente ou se tinha uma intenção moralizante. (...) Os desregramentos dos internatos se expõem com clareza em seu conto e basta o espetáculo para que o leitor de boa-fé os condene. Entretanto a *excessiva objetividade da narrativa* pode agradar também o leitor mal intencionado. Esse o perigo de certos temas tratados naturalisticamente. Esse o escolho a ser evitado e que (...) o autor de “Internato” conseguirá evitar no futuro. Por enquanto eu lhe diria tão somente o que de uma feita disse a propósito de “Presença de Anita”: entre o realismo e o naturalismo a diferença está nos processos empregados para atingir um mesmo objetivo, caracterizando-se o naturalismo pelo apego às exterioridades, aos pormenores fotográficos ainda que escabrosos. O realismo vai mais fundo e elimina o que não é essencial à revelação da realidade intrínseca.

Paulo Hecker Filho precisa tomar cuidado para não ultrapassar certos limites, pois isso nada acrescenta ao valor de suas observações e deturpa o sentido moral que desejou dar a seu livro. (Milleit 1951: 5; grifos meus)

Embora considere o autor jovem e ainda pouco maduro, Milliet vê qualidades em seu texto, mas a cena sexual é tratada como naturalista, carecendo para o crítico de sutileza, conforme ele nota na escrita de autores como Genet e Sartre. O problema estaria justamente na falta de limites com relação às descrições naturalistas, que, segundo o crítico, seriam desnecessárias ou careciam de mais sutileza. De todo modo Paulo Hecker Filho está definido como autor a ser acompanhado, pois tem fôlego para voos mais altos.

Na edição 248 do Suplemento Literário de *A manhã*, do dia 4 de maio de 1952, Carlos David, em artigo intitulado “Do caderno de leitura” analisa *Internato*:

o comentário equívoco dos corredores mal iluminados, dos pátios de recreio, o escárneo (sic) público de um bando de meninos endiabrados, vestindo a toga de juízes. Desta vida precoce, *amantes furiosos e garotos bancando cocotes*, Paulo Hecker Filho tirou-nos uma história curta, clara e provocante. *Se não chega a ser deveras o relato da desordem sexual, comum até nos internatos mais bem policiados, põe-nos, pelo menos, diante de um caso perturbador: Jorge-Eli, sobre cuja ligação pesará a aventura.*

O jovem escritor portoalegrense não veio a público defender a sua novelinha, como nos falara, ao verificar que vários leitores tomaram-na por um depoimento íntimo, e justificar a conduta de seus personagens, como independente da vida do autor. E justamente a impessoalidade da história conferiu a Paulo Hecker Filho uma liberdade descritiva e psicológica da qual ele se aproveitou mal e abusivamente.

Internato sob um aspecto chega a ser porco e escandaloso, e isto, somado ao tratamento literário apressado, que compromete a maioria dos trabalhos do autor de *AH! Terra* e *Na paz da lua*, faz dele um livrinho falhado que o leitor prudente retirará das vistas de gente pouco avisada. (David 1952: 6, 10; grifos meus)

Note-se o quanto o crítico é cuidadoso, em um primeiro momento, ao falar do mundo dos internatos, e, ao afirmar que o autor sabe o que faz, para logo depois dizer que o livro é escandaloso e porco, devendo ser mantido longe da vista das pessoas pouco avisadas. Nesse sentido é uma crítica que se irmana à crítica de Sergio Milliet, o qual afirma que os leitores de má fé farão mau uso do texto. É digno de nota que o texto de Hecker Filho é chamado de porco e de livrinho falhado. Carlos David vê no mundo dos internatos descrito por Paulo Hecker Filho a situação binária entre os amantes furiosos e garotos bancando cocotes. Essa marca binária nos remete aos modos de representação do masculino em nossa literatura e no conto em questão. Na relação entre Jorge e Eli, anotado como caso perturbador, é possível notar, como nos anos 1950 era desconcertante o tipo de relação escancarada no conto em que um jovem se coloca à mercê de seu objeto de afeto, assumindo uma postura feminina, abandonando sua imagem masculina. Isso inscreveria o texto naqueles que concebem a masculinidade dividida entre a masculinidade hegemônica, aquela que valoriza a virilidade, os gestos firmes, a postura masculina, e a masculinidade subalternizada, que giraria em torno da hegemônica, sendo sua outra face. Pesa ainda sobre o conto a questão da possível semelhança entre vida e obra, pois os leitores reclamam que o autor venha a público esclarecer que aquilo que é narrado não seja sobre ele mesmo.

Sobre *Internato*, João Gaspar Simões escreve, em artigo intitulado “Introspecção e prospecção em literatura”, no jornal *A manhã*, no dia 18 de maio de 1952:

O tema da sua curta novela é deliberadamente existencial. O existencialismo decidiu não recuar perante seja qual for o abismo de abjeção a que desçam as criaturas humanas. Muito tratado no romance, o caso das “amizades particulares” sobre o qual Paulo Hecker Filho faz luz na sua novela, a luz que ele lança sobre o caso escolhido é de uma crueza a todo o ponto digna da era das câmaras de gás e dos campos de concentração.

Poucas vezes a literatura terá ido tão longe no caminho do realismo sexual. Se Paulo Hecker Filho pensava em rivalizar com o existencialismo de Sartre no domínio da exploração dos sedimentos pútridos – não só o conseguiu, como o ultrapassou. O episódio em que Jorge e Eli entram pelas portas de Gomorra é de uma “enormidade” que responde inteiramente à “ânsia jovem de enormidade” em que o escritor fala no seu Diário.

Haverá, realmente, um compromisso secreto entre a sordidez sexual e o existencialismo? Não poderemos ver no caso de *Internato* um exemplo flagrante

dessa espécie de ambiguidade que detém o escritor existencialista à margem da introspecção enquanto a obra o não toma pelo lado torpe da realidade? (...) A linguagem, a observação, os toques de ambiente, a concretização gesticular e psicológica não se desprendem de um certo pedúnculo abstrato que deixa os frutos humanos da narração frustrados na integridade da sua polpa. E as personagens, as cenas, as coisas, as paisagens – chegam até nós um pouco elementares e esquemáticas.

Vêm da mente, não vêm da vida. Eis, porém, que se aproxima o momento do mais ignóbil dos amplexos. Então, sem que para isso tenha havido, na verdade, uma mudança no processo do novelista, mercê, talvez do ineditismo dos elementos postos em cena, quem sabe se por virtude da própria natureza radicalmente objetiva das reações, tudo se modifica: o tecido da novela reconstitui-se íntegro, os frutos humanos surgem-nos na inteireza da sua polpa, o existencialismo triunfa em toda a linha. Fatos e seres estão diante de nós em si.

Sexualmente, até o mais intelectual é instintivo e o instinto animaliza-se quanto mais baixo desce na craveira da elementariedade. Esta, possivelmente, a razão de Paulo Hecker Filho ter conseguido pelo processo de Sartre o que o próprio Sartre consegue: ultrapassar a fronteira do mental quando abeira o país da animalidade sexual. (Simões 1952: 2,10)

O crítico português é enfático quanto à condição de novela existencialista de *Internato*, inclusive salientando que o existencialismo consegue captar toda a baixeza da humanidade. Nesse sentido, confirma a afirmação de Sérgio Milliet, embora sem exigir de Hecker Filho a sutileza que o crítico brasileiro exigia. Para Simões, Hecker Filho consegue ultrapassar o existencialismo produzindo uma novela “aplicada”, que leva o preceito adiante de um modo bastante singular. Insiste na “enormidade” e na abjeção das cenas de “Gomorra”, acrescentando que o texto é esquemático e em alguns pontos elementar, mas reconhece o ineditismo da cena sexual, denominando tudo como “uma animalidade”, acrescentando que os personagens são falhos e perdidos.

Dessa recepção bastante polêmica é possível perceber o quanto a novela de Hecker Filho incomoda, pois é sempre em termos de ultrapassagem do decoro que ela é vista. Apenas Carlos David menciona a questão da binaridade entre os tipos masculinos, como se pode perceber na teoria sobre masculinidades.

MASCULINIDADES

Para Raewyn Connel (1995), em seu artigo “Políticas da masculinidade”, a masculinidade é algo complexo, pois, segundo ela, as masculinidades nunca se dão isoladas, mas se dão em relação a outras masculinidades que orbitam em torno de uma forma hegemônica de masculinidade com as relações de dominação, marginalização e cumplicidade. Assim, para toda masculinidade hegemônica haveria uma masculinidade

que lhe é marginal, que passa a ser inferiorizada, pensada como feminina, e, portanto, menor. Ainda, para a autora:

Existe uma narrativa convencional sobre como as masculinidades são construídas. Nessa narrativa, toda cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e a sentir dessa forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, freqüentemente, a repressão de seus sentimentos. Esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres. (Connell 1995: 189-190)

Como os homens são produzidos e se produzem está diretamente relacionado às convenções que as sociedades engendram do que seja masculinidade. Desse processo participam as instituições como família e escola e o mundo do trabalho que necessitam desse suporte performático para existirem e continuarem a produzir indivíduos capazes de levar adiante o mito da normalidade. Desse modo é importante que os homens reprimam seus sentimentos para que não se tornem femininos, tornando-se inferiorizados nessas sociedades e em suas relações pessoais e sociais.

Para Elizabeth Badinter, o processo de montagem a que um homem é submetido parte da oposição que um homem tem que fazer ao feminino. De acordo com a autora:

Nascido de uma mulher, acalentado num ventre feminino, o menino, ao contrário da menina, está condenado à diferenciação durante grande parte de sua vida. Ele só pode existir opondo-se à sua mãe, à sua feminidade, à sua condição de bebê passivo. Por três vezes, para afirmar uma identidade masculina, deve convencer-se e convencer os outros de que não é uma mulher, não é um bebê e não é um homossexual. (Badinter 1993: 34)

Assim se faz um homem, e sua contraparte, aquele que não consegue se estabelecer desse modo, estaria ligado para sempre à sua versão inferior, o homem frágil, afeminado, o homossexual. O garoto “bancando a cocote” como afirma o crítico Carlos Davi em trecho supracitado. Para que o homem se diferencie do feminino ele passa a adotar formas violentas de agir, despreza a mulher, fazendo-se um homem “sem sentimentos”, pois assim ele será respeitado em sua comunidade e terá o reconhecimento de outros iguais a ele, associados em sua cumplicidade de masculinos normais e saudáveis. Não deixa de ser um importante marco perceptivo das diferenças de gênero a acomodação do masculino universal na figura do homem branco, conforme nos fala Nicky Sullivan (2003) de que vários pesquisadores da medicina e

da sociologia basearam-se nas hierarquias culturais existentes com base na raça e nas diferenças de classe, a fim de manter a posição privilegiada do branco, classe média/alta, de masculinidade heterossexual. Assim todos os sujeitos que escapassem a esse padrão seriam não normais, sendo, muitas vezes relegados ao lugar de aberração ou da criação dos monstros morais no dizer de Michel Foucault (2001).

Desse modo, pode-se perceber que, mesmo em se tratando de uma questão tão delicada quanto a inversão sexual, os autores ainda assim optam por retratarem os sujeitos reconhecidos como invertidos ligados às classes sociais baixas e às raças tidas como inferiores. O que repercute como uma masculinidade impoluta é sempre a do homem branco. Note-se o quanto é importante a hierarquia no que tange à definição da masculinidade, pois um homem será tanto mais masculino quanto ele ultrapasse a masculinidade dos outros que orbitam suas relações sociais. O que parece demonstrar a necessidade de homens se cercarem de homens menores ou inferiores a ele, mesmo em pares de igualdade.

INTERNATO

Pode-se perceber o quanto o personagem Jorge é construído por Paulo Hecker Filho como alguém ainda em formação, é adolescente, mas tendo que lidar com aquilo que é reconhecido em seu tempo como seu desvio, sua falta de função no mundo. Por isso mesmo a narrativa parece guiar seu personagem a uma verdadeira *via crucis* na qual o corpo do protagonista, seus gestos e atitudes são marcados por características ditas como femininas, as quais ele não superará. A diferença se dá nos modos como os corpos de Jorge e de Eli se produzem. Jorge está interno em um colégio há três anos e ama Eli, cujo corpo é, para ele, “belo (...) Tez morena avermelhada, cabelos pretos, traços doces de forte simpatia. (...) tronco poderoso, (...) nádegas rijas e coxas grossas de atleta. Um ideal Miguel Ângelo” (Hecker Filho 1968: 273). Nesse corpo masculino, digno da representação do escultor renascentista, protótipo de todos os corpos modelares masculinos no ocidente, caucasiano, se inscreve o desejo do personagem adolescente criado por Hecker Filho.

As linhas marcadas do torso, das coxas e das nádegas sugerem a beleza masculina reconhecida no tempo de produção do conto. Importante salientar que raramente se descreveria um homem notando suas nádegas; há uma conotação, que pelo modo de produção da masculinidade daquela época e de épocas anteriores, demarca o olhar gay sobre o objeto descrito. Esse olhar homoerótico do narrador pelo corpo do personagem, considerado protótipo da masculinidade hegemônica, implica em algo bastante importante para singularizar essa escrita de outras escritas do mesmo momento de produção. Um homem era visto, geralmente, de frente, salientava-se o peitoral, quando muito, mas em novelas eróticas, se salientava o pênis. O deslocamento para o comentário sobre as nádegas rijas de Eli por parte do narrador indica um movimento em direção a algo incomum, marcador de um desejo desviado, seja de Jorge, seja do narrador.

Eli será descrito como o garanhão do colégio, que deixa à mostra, numa de suas aparições, os “crespos cabelos que a camisa aberta (...) deixava ver.” (Hecker Filho 1968: 273). Ele é um atleta, “tinha vários amantes no Colégio” (Hecker Filho 1968: 274), aquele que conquista e copula com várias pessoas, dono de um currículo invejável em promiscuidade, contam-se sobre ele muitos casos:

o Colégio inteiro o sabia, era o predileto sem rival dos pederastas. Em boa parte por ter sido ele que deflorara a maioria deles, e os amantes, de qualquer sexo, sempre guardam fidelidade ao primeiro parceiro. A aparência simpática e mesmo bela que possuía, auxiliava-o nas conquistas, que não se limitavam aliás ao Colégio, tendo, segundo ele próprio afirmava, desvirginado mais de uma moça, executando com outras atos de onanismo e cópulas sem imissão. (Hecker Filho 1968: 280)

Note-se que ao narrador interessa comentar sobre a aparência de Eli, assim como lançar um julgamento de valor pseudocientífico sobre a condição dos sujeitos conquistados que guardariam, segundo ele, fidelidade ao primeiro amante. Eli, tem, portanto, a supremacia e preeminência sobre os seus conquistados, como um grande patriarca que submete os que o orbitam a seus caprichos. Outra informação importante é que ele se relaciona também com mulheres, estendendo suas ações para além do Colégio, o que o faz digno de fama. Um homem a ser imitado. Como o narrador afirmará mais adiante: “Tal renome, longe de afastar os jovens de tendência homossexual, tornava-o a superior conquista, o mais alto amante do Colégio” (Hecker Filho 1968: 281). Desse modo o narrador repete a lógica binária de que os machos de conduta promíscua são aqueles que seriam requisitados pelos pederastas a serem conquistados por causa de sua fama.

Assim o narrador faz um intervalo na narrativa do amor de Jorge por Eli para mostrar o caso de Patinho, uma das conquistas de Eli, que é convidado a intermediar a paixão de Jônatas, outro aluno do Colégio, por Zezinho, o Patinho. Este será conquistado por Eli a pedido de Jônatas, pois Patinho se recusava a ceder aos seus assédios. Após a conquista de Eli, Patinho se torna amante de Jônatas e depois passará a ser amante de vários outros alunos, sendo conhecido como “um dos pederastas mais integrados (...) afeminando os gestos, vestindo roupas de mulher, recebendo a todos, mas sempre com grande queda por Eli, que dava ostensivamente como seu marido” (Hecker Filho 1968: 282). Aqui se nota desde já o que Raewyn Connell afirma em trecho supracitado, dos homens “inferiores” que orbitam o macho viril hegemônico. Patinho é dotado de um corpo feminizado e submisso aos caprichos de Eli, como se não bastasse seu apelido indicador de pessoa ingênua e fragilizada.

Jorge é confrontado com seu desejo e tem que assumir seu lugar de sujeito abjeto, não normal:

O tipo do varão sempre o acicatara mais que o da mulher, mas nunca dera a isso importância. Embora houvesse tido veleidades de desejo por vários sujeitos, não se prendera a nenhum de modo a poder sequer ser comparado com o

sentimento que agora o tomava. Eram atrações efêmeras e ocasionais, e o amor a Eli, ao contrário, punha-o diante de si mesmo: Executa-me, sou o que realmente és. (Hecker Filho 1968: 274)

Note-se que mesmo tendo desejo por homens Jorge não se importara, o que demonstra que Eli não é o primeiro interesse de sua vida, mas é o interesse maior desde que o conheceu há três anos; contrariamente, de forma estranha, mas naturalizada na cultura, Eli é tomado como normal. Na cultura heterocentrada, homens que fazem sexo com homens sem ser penetrados por estes são considerados homossexuais. Inclusive, não são considerados promíscuos, pois a promiscuidade é percebida como algo decorrente da situação dos ditos anormais e marginais. A promiscuidade da virilidade masculina dos ativos é tomada como corroboração dos instintos que devem ser incentivados para que o masculino se sobressaia. Assim se consolida a visão de Eli como o sujeito da masculinidade hegemônica e Jorge como o sujeito da masculinidade subalternizada pois admite para si mesmo o desejo de que o outro o submetesse a seus caprichos. Ao desejar que Eli o execute, Jorge assume o lugar de passividade ante seu objeto de desejo, colocando-se como o sonhador, o devaneador, pois há vários momentos em que ele delira sobre as relações entre eles, bem como do desejo de Eli por ele: “Quereria estar o resto da vida envôlto pelo braço, pela coxa, pelo corpo que respirava a seu lado. Pensava em virar e beijá-lo na boca, e entregar-se, entregar-se” (Hecker Filho 1968: 279). Esse desejo avassalador domina Jorge que quer se entregar, assumindo a postura considerada feminina, que deseja o macho protetor e cria sonhos de uma vida comum para os dois de um modo romântico.

Assim, Jorge terá que passar por uma série de provas para realizar seu desejo. No entanto, a realização deste irá lhe custar sua reputação no colégio, gerando sua expulsão. Assim será descrita a cena em que Jorge e Eli têm sua relação sexual, a cena “existencialista” que tanto incomodou os críticos da época:

Ébrio e exausto, Eli se deixara cair vestido sobre a cama. Jorge fecha a porta à chave e corre a se debruçar sobre ele, acariciando-o. Depois, com prazer imenso, desveste-o peça por peça. Despe-se e deita a seu lado.

Envolve-o com os braços, beijando-o, enquanto Eli permanece de costas, quase inerte. Em ereção e excitadíssimo, Jorge não consegue, porém, despertar os sentidos de Eli, que alega estar com gonorreia e temer prejudicar-se excitando-se. Mas Jorge não desiste. Roça-se por ele; tenta todas as maneiras de acordá-lo ao prazer.

Suga-lhe as mamas e, baixando, toma-lhe o pênis na boca, o que produz imediata ereção. Eli pede que continue a sucção. Jorge o atende, proporcionando-lhe forte prazer, e a si próprio como reflexo.

No entanto, um líquido amarelo aparece-lhe nos cantos da boca. – Cospe – aconselha Eli – é pus, da gonorreia.

Jorge cospe, e continua. E cuspidando e sugando leva ao orgasmo aquele corpo a gemer de dor e de volúpia. (Hecker Filho 1968: 294)

Nesta cena, os dois personagens finalmente têm sua primeira relação sexual depois de perambularem bastante pela noite da cidade. Jorge se humilha para conseguir que um chofer de taxi os leve a algum local que os aceite, marca de dificuldade naqueles tempos de se conseguir espaço para as relações sexuais/afetivas entre homens. Depois desse esforço todo eles conseguem um quarto em um prostíbulo, sendo Jorge humilhado pela cafetina. Jorge tem que fazer toda a ação para que Eli relacione-se com ele e o máximo que consegue é uma felação, mesmo assim com muita dificuldade, pois Eli encontra-se completamente bêbado, além de estar com gonorreia. A menção à doença sexualmente transmissível é uma raridade em se tratando das narrativas literárias brasileiras do período, mas também é marca da masculinidade ativa daqueles que seguem seus instintos para se fazerem homens respeitados. No caso desta novela ela serve para demonstrar o caráter promíscuo do personagem Eli. Ainda assim, Jorge insiste, e sua humilhação e subalternidade ao outro, ao masculino hegemônico do par é tremenda, não lhe restando outra saída que não sugar o pênis e cuspir repetidas vezes até o outro jorrar pus.

A cena é escatológica, pois as secreções são necessárias ao completar o quadro de submissão ao desejo do personagem. Jorge é um sujeito que necessita da relação sexual para vencer sua ânsia. Um desejo irrefreável pelo outro, subalterno, triste, angustiado e infeliz, que será depois julgado por seus colegas de internato. Eli sairá da aventura, mesmo que marcado pela doença, como o macho que pode adoecer dos males do mundo, o que se coaduna à sua função masculina. No caso de Jorge, resta a saída do colégio e o deslocamento para outro lugar onde poderá viver sua vida infame, como o são todas as vidas dos homossexuais, parece dizer o narrador. A Jorge resta a saída desonrosa, como nos conta o narrador quase ao fim da narrativa:

Jorge relaciona tudo. Está ali, sobre a terra, como um verme escalpelado por aqueles olhares que dizem Fresco, Nojento, Fresco, Nojento, Fresco, Nojento, e não param nunca, e o derrubam outra vez sobre a terra, e lhe dão socos na cara, e gritam Fresco! e gritam Nojento! e gritam de novo, e é ele, Jorge, o Jorge, o filho de sua mãe, o irmão de seus irmãos, quem está agora ali a ouvir aquilo, a saber que todos souberam, a levar socos sem conta, e a ouvir, a ouvir eternamente Fresco, Nojento, eternamente, eternamente, eternamente! (Hecker Filho 1968: 299)

Assim o conto termina, mesmo que tocando em questões delicadas, por reforçar os lugares estabelecidos pela cultura na binaridade com a qual ela se organiza. Masculinidades hegemônicas são aquelas em que os sujeitos se representam e se auto representam como fortes, sexualizados, brancos, ativos e as masculinidades que os orbitam são da ordem da fraqueza, da tibieza da não praticidade. Em se tratando da novela em específico, homens são aqueles que permanecem nas escolas, nesse caso, centro da vida social, enquanto os outros devem sair do centro, tornando-se ex-cêntricos, abjetos, perdidos, considerados eternamente nojentos pela sociedade que os engendra, como marcas de comportamento não recomendável. Assim, a sociedade

pode ter a sua métrica do que seja normal e continuar a engendrar constantemente seres regulados para que a ordem não seja alterada.

OBRAS CITADAS

BADINTER, Elisabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. 2. ed. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

CONNELL, Raewyn. “Políticas da masculinidade”. *Revista Educação e Realidade* (Porto Alegre), jul-dez, p. 185-202, 1995. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>.

DAVID, Carlos. “Do caderno de leitura.” *Letras e Artes*. Suplemento Literário de *A Manhã* (Rio de Janeiro), p. 6-10, 1952.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. 16. ed. Vol. I, II, III. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 2001.

HECKER FILHO, Paulo. *Diário*. (Dezembro, 1948 – Março, 1949). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1949.

HECKER FILHO, Paulo. “Internato.” Gasparino Damata, org. *Histórias do amor maldito*. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1968. 269-300.

HECKER FILHO, Paulo. *Um tema crucial: Aspectos do homossexualismo na literatura*. Porto Alegre: Sulina, 1989.

MILLIET, Sérgio. “Contistas.” *Letras e Artes*. Suplemento Literário de *A manhã* (Rio de Janeiro), p. 5, 1951.

Paulo Hecker Filho. Disponível em <https://www.pucrs.br/delfos/acervos/escritores-e-jornalistas/paulo-hecker-filho/>

SIMÕES, João Gaspar. “Introspecção e prospecção em literatura.” *Letras e Artes*. Suplemento Literário de *A manhã* (Rio de Janeiro), p. 2-10, 1952.

SULLIVAN, Nikki. *A critical introduction to queer theory*. New York: New York U P, 2003.